

RAY BRADBURY

**O ZEN
E A ARTE
DA ESCRITA**



cavalo de ferro

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	11
A ALEGRIA DE ESCREVER.....	17
CORRER, DEPOIS FICAR ABSOLUTAMENTE IMÓVEL, OU A COISA AO CIMO DAS ESCADAS, OU NOVOS FANTASMAS NASCIDOS DE VELHAS IDEIAS	25
COMO ALIMENTAR E NÃO PERDER A MUSA	41
BÊBADO E A ANDAR DE BICICLETA	57
<i>FAHRENHEIT 451</i> : UM LIVRO ESCRITO A CONTAR OS TOSTÕES	75
BIZÂNCIO AVISTADA: <i>A CIDADE FANTÁSTICA</i>	83
A LONGA ESTRADA PARA MARTE	93
AOS OMBROS DOS GIGANTES.....	99
O EU SECRETO.....	109
UM <i>HAIKU</i> FILMADO.....	121
O <i>ZEN</i> E A <i>ARTE DA ESCRITA</i>	131
SOBRE A CRIATIVIDADE	145

*Para a minha melhor professora,
Jennet Johnson,
com amor*



*O Autor-Residente
Green Town, Illinois, 1923*

PREFÁCIO

COMO SUBIR A ÁRVORE DA VIDA, ATIRAR CALHAUS A SI MESMO
E TORNAR A DESCER SEM PARTIR OSSOS NEM DESANIMAR,
OU UM PREFÁCIO COM UM TÍTULO NÃO MUITO MAIS EXTENSO
DO QUE O RESTO DO LIVRO

Por vezes, espanta-me ter conseguido, logo aos nove anos, perceber que vivia numa prisão e que de lá me evadi.

Como se explica que, influenciado pelas opiniões dos seus colegas da quarta classe, o miúdo que eu era em Outubro de 1929 tenha rasgado todas as tiras de banda desenhada do Buck Rogers que recortara do jornal e, passado um mês, tenha resolvido que eles eram todos uns idiotas e recomeçado a colecioná-las?

De onde vieram essa força e essa capacidade para avaliar a situação? Por que tipo de processo mental terei eu passado que me levou a ser capaz de dizer: Sinto-me morto. Quem me está a matar? De que mal sofro? Qual é a cura?

Como é óbvio, consegui responder a todas essas perguntas. Dei um nome a esse mal de que sofria: tinha rasgado aquelas tiras de banda desenhada. E descobri a cura: recomeçar a colecioná-las, e o resto não importava.

Assim fiz. E foi o melhor que fiz.

Ainda assim... com *aquela* idade? Quando o normal é preocuparmo-nos com o que os colegas de escola pensam de nós?

Onde arranjei eu coragem para me rebelar e mudar a minha vida e seguir caminho sozinho?

Não quero sobrevalorizar o episódio, mas raios me partam se não adoro esse miúdo de nove anos, quem raio ele fosse! Não

tendo havido esse miúdo, eu não teria sobrevivido e não estaria agora a escrever uma introdução para esta recolha de ensaios.

Claro que parte da resposta está no amor de perdição que eu tinha pelo Buck Rogers, um amor tão grande que não aguentei ver o meu amado, o meu herói, a minha vida, destruídos. De certa forma, é tão simples quanto isto. Seria como se o nosso melhor amigo, o mais adorado de todos, o amigalhaço com quem fazíamos tudo, morresse afogado ou com um tiro de caçadeira. Tivesse um amigo meu morrido dessa maneira, não se poderia evitar o funeral. Mas o Buck Rogers, dei-me eu conta, podia ter uma segunda vida, era só eu dar-lha. E então fiz-lhe respiração boca-a-boca e, milagre!, ele sentou-se e perguntou-me: «O que é, nunca viste?»

Grita. Salta. Vive aventuras. Vai onde todos aqueles filhos da puta nunca irão. *Jamais* terão uma vida como a tua. Portanto, *vai* vivê-la.

Não disse «filhos da puta», claro. Não podíamos dizer palavras. «Chiça!» foi o mais longe que me aventurei no meu grito de revolta. *Mantém-te vivo!*

E fui coleccionando banda desenhada, e apaixonei-me por feiras de diversões e exposições mundiais, e comecei a escrever. E o que nos ensina a escrita, perguntarão vocês?

Antes de mais, recorda-nos que *estamos* vivos e que isso é uma dádiva e um privilégio, não um direito. Quando a vida nos é concedida, há que merecê-la. A vida animou-nos e, por isso, exige recompensa.

Certo, a arte não é capaz de nos salvar da guerra, da fome, da inveja, da ganância, da velhice e da morte, como gostaríamos que o fizesse, mas, mesmo assim, pode revigorar-nos pelo meio de todas estas coisas.

Em segundo lugar, escrever é sobreviver. Toda a arte, *tudo* o que for bem feito, é isso, claro.

Para a maioria de nós, não escrever é morrer.

A cada dia, temos uma batalha pela frente. Sabemos que a vitória não será absoluta, mas há que lutar na mesma – nem que seja um combate em versão mais ligeira. O mais pequeno esforço que façamos para sair vitoriosos desse embate significará uma espécie de vitória ao final de cada dia. Ou, como disse certo pianista: «Se ficar um dia sem tocar, *eu* vou sabê-lo. Se forem dois dias, *os críticos* vão sabê-lo. Se forem três, sabê-lo-á *o público*.»

No caso dos escritores, verifica-se uma variação do mesmo princípio. Não estou a dizer que o nosso «estilo», seja lá isso o que for, haveria de esboroar-se em apenas alguns dias.

Mas aconteceria, isso sim, que o mundo aproveitaria a oportunidade e tentaria arrumar connosco. Se não escrevêssemos diariamente, o veneno começaria a acumular-se e começariamos a morrer, ou a endoidecer, ou ambos.

Se não queremos que a realidade nos destrua, temos de nos manter embriagados de escrita.

Isto porque escrever nos fornece as doses certas de verdade, vida e realidade – na exacta proporção em que somos capazes de as comer, beber e digerir sem entrar em hiperventilação e acabarmos como um peixe morto em cima da nossa própria cama.

Ao longo do meu trajecto, aprendi que, se fico sem escrever um dia que seja, começo a ficar inquieto. Passados dois dias, começo com tremores. Ao terceiro, vem-me a suspeita de que estou a enlouquecer. Ao quarto, afundo-me na depressão como um porco chafurda na pocilga. Uma hora passada a escrever tem em mim o efeito de um tónico revigorante. Salto da cadeira e ponho-me a correr às voltas, a gritar: «Que é dos meus sapatos?! Quero ir para a rua!»

E, de forma directa ou indirecta, é *disso* que este livro trata.

Da pequena dose de arsénico que se toma todas as manhãs para aguentarmos até ao pôr-do-sol. Com mais uma pequena dose ao pôr-do-sol para nos aguentarmos (se possível, mais do que isso) até de madrugada.

Esta microdose de arsénico a que me refiro é o que nos ajuda a *não* sermos envenenados e destruídos mais adiante.

E a dose indicada é esse trabalho a que nos dedicamos diariamente. Manipulamos a vida, usamos tudo quanto há de luminoso para contrabalançar o sombrio e combinamos todo o tipo de verdades. Deitamos a mão aos factos mais belos e extraordinários da existência, porque é isso que nos permite aguentar os horrores que nos afligem directamente (as coisas que acontecem à nossa família e aos nossos amigos) ou que nos chegam pelos jornais e pela televisão.

Não há maneira de negar todos esses horrores. Quem de nós não tinha um amigo que morreu de cancro? Haverá alguma família na qual não tenha morrido alguém (ou ficado incapacitado) na sequência de um acidente de viação? Eu não conheço nem uma. E, no meu caso, uma tia, um tio, um primo e seis amigos morreram em acidentes rodoviários. A lista de horrores é interminável e, se não a combatemos com a criatividade, eles acabarão por nos esmagar.

O que significa que escrever é a cura. Claro que não cura por completo. Não há meio de ultrapassar o internamento dos nossos pais ou a morte do amor da nossa vida.

Não quero usar a palavra «terapia», porque a acho demasiado arrumadinha e estéril. Direi apenas que, de cada vez que a morte trava outros, temos de nos erguer de um salto, subir à prancha e mergulhar de cabeça na máquina de escrever.

Os poetas e os artistas do passado, do passado remoto, sabiam todas estas coisas que aqui acabo de dizer ou que já tinha escrito nos ensaios que se seguem. Aristóteles imortalizou estas ideias nos seus escritos. Digam-me: têm seguido os conselhos dele?

Os ensaios desta recolha foram escritos em várias alturas ao longo de um período de 30 anos, uns para assinalar descobertas únicas, outros para responder a necessidades únicas. Mas todos fazem eco do mesmo: as explosões de autoconhecimento e o assombro

recorrente perante o tanto que guardamos cá dentro e o que isso nos pode dar; essas reservas são como um poço, apenas temos de nos debruçar e gritar, e os ecos virão.

Enquanto estava a escrever esta introdução, chegou uma carta de um jovem escritor ainda desconhecido que me diz que vai adoptar o meu lema de vida, do qual dei conta em *The Toyntee Convector* [*A Máquina do Tempo*]¹:

«Mentir de mansinho e depois demonstrar que a mentira, afinal, é verdade... porque, no fim, tudo não é senão uma promessa... e o que *parece* uma mentira não é senão uma frágil necessidade que deseja nascer...»

E outra coisa.

Ocorreu-me recentemente uma nova imagem que me descreve na perfeição. Quem quiser, também a pode adoptar.

Todas as manhãs, levanto-me de um salto e piso uma mina antipessoal. Essa mina sou eu.

A mina explode e eu passo o resto do dia a juntar os bocados, a refazer-me.

E agora são vocês. Saltem!

¹ Ao longo do livro, o autor refere vários títulos de obras suas e de outros autores, sendo que nem todas foram editadas em Portugal. No caso de contos, colectâneas de contos e romances da sua autoria, optou-se por, não havendo edição portuguesa, indicar o título original, com uma sugestão de tradução entre parêntesis. Tratando-se de obras editadas em Portugal, é referido apenas o título em português. [N. T.]

A ALEGRIA DE ESCREVER

Entusiasmo. Prazer. Como é raro ouvirmos estas palavras! É raro as pessoas adoptarem-nas como lemas de vida, quanto mais como lemas criativos. Mas se viesse alguém pedir-me que identificasse os traços essenciais num escritor, aquilo que moldará o seu trabalho e que o impulsionará estrada fora rumo ao destino pretendido, eu apenas poderia aconselhá-lo a ouvir o entusiasmo e a deixar-se levar pelo prazer.

Decerto têm a vossa lista de escritores favoritos; eu tenho a minha. Dickens, Twain, Wolfe, Peacock, Shaw, Molière, Jonson, Wycherly e Sam Johnson. Depois, há os poetas: Gerard Manley Hopkins, Dylan Thomas e Pope. E os pintores: El Greco e Tintoretto. E os compositores: Mozart, Haydn, Ravel e Johann Strauss (!). Pense-se em todos estes nomes e estar-se-á a pensar em prazeres, apetites e fomes, uns maiores, outros menores, mas todos importantes. Pense-se em Shakespeare ou em Melville e estar-se-á a pensar em vento, relâmpagos e trovões. Todos estes que refiro conheceram a alegria de criar em maior ou menor escala, em telas restritas ou ilimitadas. São eles os filhos dos deuses. Souberam o que era ter alegria ao criarem as suas obras, mesmo que, aqui e ali ao longo do percurso, o acto criativo possa ter sido mais difícil ou as suas vidas tenham sido tocadas pela doença ou pela tragédia. O importante é tudo o que nos chegou

saído das suas mãos e das suas mentes, e tudo isso transborda de vigor animal e de vitalidade intelectual. Ao darem-nos conta dos seus ódios e desesperos, fizeram-no com uma espécie de amor.

Vejam-se as figuras alongadas que El Greco pintou. Vão dizer-me que não lhe dava gozo pintar? Poderá alguém refutar que o principal alicerce de *A Criação dos Animais* de Tintoretto é outro que não o «gozo», no sentido mais alargado e complexo da palavra? O melhor *jazz* diz-nos: «Vou viver para sempre, não acredito na morte.» A melhor escultura – a cabeça de Nefertiti, por exemplo – diz-nos, uma vez e outra: «Esta beldade esteve entre nós, aqui continua e por cá ficará para sempre.» Cada um dos homens que referi na minha lista captou uma partícula do que a vida tem de mais instável e descobriu como preservá-la para todo o sempre, e, em plena explosão de criatividade, voltou-se para apontar aos demais essa partícula e exclamar: «Não é magnífica?!» Era-o, de facto.

O que tem tudo isto que ver com escrever contos hoje em dia?

Apenas o seguinte: se estão a escrever sem entusiasmo, sem prazer, sem amor à escrita, sem se divertirem, estão a ser escritores pela metade. Ou seja, estão tão preocupados com o que vende ou de tal maneira penderes do que pensa a capelinha avant-garde que não estão a ser vocês mesmos. Tão-pouco sabem quem são, na verdade. Porque, antes de tudo o mais, um escritor deve ser entusiástico. Deve ser de febres repentinas e deve empolgar-se com as coisas. Faltando-lhe esse vigor, mais vale que se dedique à apanha do pêsego ou a cavar; sabe Deus que lhe fará melhor à saúde.

Quando foi a última vez que escreveram fosse o que fosse e, de alguma maneira, aquilo que realmente amam ou odeiam passou para o papel? Quando foi a última vez que se atreveram a deixar sair um dos vossos preconceitos «de estimação» para rasgar a página como um relâmpago? O que tem a vossa vida de melhor ou pior, e quando é que irão resolver-se a sussurrar ou a gritar tudo isso?

Por exemplo, não seria fantástico largarem na mesinha das revistas a *Harper's Bazaar* que estavam a folhear na sala de espera do dentista, correrem para diante da vossa máquina de escrever e descarregarem toda a vossa raiva e ironia num ataque ao snobismo idiota e por vezes chocante dessa gente? Há uns anos, foi exactamente isso que fiz. Agarrei por acaso num número em que os fotógrafos da *Bazaar*, com as suas deturpadas noções de igualdade, tornaram a usar os moradores numa rua pobre de Porto Rico como pano de fundo diante do qual as suas modelos com ar de quem está a morrer à fome fizeram poses para posterior deleite de meias-mulheres ainda mais magras que frequentam os mais selectos salões de beleza deste país. Enchi-me de uma raiva tal àqueles fotógrafos que não corri, voei para diante da máquina de escrever e saiu-me *Sol e Sombra*, a história de um velho porto-riquenho que estraga a tarde a um fotógrafo da *Bazaar* quando arranja maneira de aparecer com as calças em baixo nas fotografias que este vai tirando.

Atrevo-me a dizer que uns quantos de vós teriam gostado de se lembrar de uma destas. Tocou-me a mim o gozo de escrever o conto em questão; fiz um chinfrim, ri deles a bom rir, mandei-os abaixo, e isso fez-me sentir um pouco mais leve. Possivelmente, os editores da *Bazaar* nem chegaram a saber. Mas muitos leitores souberam e gritaram: «Chega-lhe, *Bazaar*! Chega-lhes, Bradbury!» Não estou a cantar vitória. Mas havia sangue nas luvas quando as pendurei.

Quando foi a última vez que assim agiram, escrevendo uma coisa qualquer movidos pela pura indignação?

Quando foi a última vez que foram abordados pela polícia no vosso bairro só porque gostam de ir andar – e, quem sabe, pensar – à noite? A mim, aconteceu-me vezes suficientes para finalmente me exasperar e escrever *O Andarilho*, um conto cuja acção decorre daqui por 50 anos e em que um homem é detido e levado para ser examinado por médicos, porque insiste

em observar a realidade não televisionada e em respirar ar não condicionado.

Mas deixemos de lado exasperos e raivas. E os amores? O que mais amam neste mundo? Refiro-me tanto ao que é mais importante como às pequenas coisas. Pode ser um eléctrico ou um par de ténis. Porque houve um tempo, quando éramos crianças, em que tais coisas chegavam a parecer-nos mágicas. Neste último ano, publiquei um conto sobre a última vez que um menino anda de eléctrico. O eléctrico cheira a trovoadas, o veludo dos bancos é frio e verde-musgo, e o interior é azulado como a electricidade, e tudo isso está condenado a desaparecer, porque o eléctrico vai ser substituído por um autocarro, que é mais prático e tem um cheiro mais prosaico. Escrevi também um outro conto sobre um menino que queria uns ténis novos, porque lhe dariam o poder de saltar por cima de rios, casas e ruas, e arbustos e passeios e cães. Tais ténis fá-lo-iam ser como os antílopes e as gazelas na savana africana no Verão. Guardavam em si toda a energia de rios por nascer e de tempestades de Verão por acontecer, pelo que o menino os desejava mais do que a qualquer outra coisa no mundo.

Portanto, aqui têm a minha fórmula, e é simples.

O que desejam mais do que qualquer outra coisa neste mundo? O que amam? O que odeiam?

Arranjem uma personagem, alguém como vocês, que quer ou não quer algo com toda a força do seu ser. Dêem-lhe as vossas ordens. Deixem-na sair porta fora. E sigam-na, tão velozmente quanto consigam. A personagem, porque ama ou odeia esse algo com todo o seu ser, rapidamente vos conduzirá ao desfecho da narrativa. O entusiasmo e o prazer dessa sua necessidade — porque *há* entusiasmo tanto no ódio como no amor — atearão fogo ao cenário da história, e até a máquina de escrever ficará mais quente!

Ao dizer estas coisas, falo sobretudo para o escritor que já domina a parte técnica, isto é, que já se equipou com ferramentas gramaticais e saber literário suficientes para não tropeçar

nos pés ao correr. Mas o mesmo conselho serve para o principiante, ainda que, no caso deste, os tropeções possam ocorrer por simples questões de técnica. Mas, mesmo aí, e muitas vezes, o entusiasmo compensa o resto.

Assim, o historial de cada conto deve ser como o boletim meteorológico: hoje, calor; amanhã, mais fresco. Na primeira tarde, sejam incendiários. No dia seguinte, lancem a fria água da crítica às brasas. Amanhã terão tempo de sobra para pensar e cortar isto e reescrever aquilo. Por isso, hoje, expludam, façam-se em mil bocados, desintegrem-se! As seis ou sete versões que se seguirão vão ser pura tortura. Ora, se assim é, porque não saborear ao máximo a primeira versão? Quem sabe se o gozo que vos deu não irá contaminar outros pelo mundo fora, que, ao lerem esse vosso conto, se inflamarão também?

Não tem de ser um grande incêndio. Basta uma labareda ou mesmo a chama de uma vela; basta o desejo de uma qualquer maravilha mecânica, como um eléctrico, ou de uma maravilha mais animal, por exemplo uns ténis que todas as manhãs correrão como coelhos pelos relvados. Procurem essas pequenas paixões, mas busquem também, e dêem forma, aos pequenos azedumes. Desgustem-nos sem pressas, testem o seu efeito na máquina de escrever. Quando foi a última vez que leram um volume de poesia ou que dedicaram parte da tarde a ler um par de ensaios? Já alguma vez leram um exemplar da *Geriatrics*, a revista oficial da American Geriatrics Society, uma publicação que versa «a investigação e o estudo clínico das doenças e do processo de envelhecimento e seus efeitos nos idosos»? Ou alguma vez leram ou deram sequer uma vista de olhos a um exemplar da *What's New*, revista editada pela Abbott Laboratories, uma empresa do norte de Chicago, que traz artigos com títulos como «O uso da tubocurarina nas cesarianas» ou «A fenilacetilureia e a epilepsia», mas na qual podemos ler, também, poemas de William Carlos Williams e Archibald Macleish, ou contos assinados por Clifton

Fadiman ou Leo Rosten, além de as capas e as ilustrações no interior serem da autoria de nomes como John Groth, Aaron Bohrod, William Sharp ou Russell Cowles? Absurdo? Talvez. Mas as ideias estão por toda a parte, são como maçãs que caem da árvore e acabam por se decompor por entre as ervas à falta de caminheiros de passagem com olho e paladar para a beleza, seja ela absurda, horrível ou refinada.

Nas palavras de Gerard Manley Hopkins:

Glória a Deus pelas coisas mescladas,
 Pelos céus bicolores como vacas malhadas;
 Pelas trutas que nadam, de rosa pontilhadas;
 Pelas castanhas de cor vibrante; pelas asas dos tentilhões;
 Pelos campos com suas cercas, lavrados ou em pousio;
 E, de cada ofício, as ferramentas e o atavio.
 Tudo se contraria, e é único e raro e estranho,
 Isto é volátil, aquilo, vago (e tudo terá as suas razões)
 Rápido ou lento, doce ou amargo, brilhe ou não,
 Tudo Ele fez, Aquele cuja beleza jamais se altera.
 Exaltai-O, então.

Thomas Wolfe devorou o mundo e vomitou lava. E durante a sua vida, a cada refeição, Dickens sentou-se a uma mesa diferente. Molière provou a sociedade, depois voltou-se e agarrou no bisturi, tal como fizeram Pope e Shaw. Para onde quer que olhem, no cosmos literário, os maiores que jamais houve estão ocupados a amar e a odiar. E vocês? Eliminaram os instintos primários da vossa escrita, entendendo que são obsoletos? Nesse caso, estão a deixar que a diversão vos passe ao lado. Porque a raiva e a desilusão são divertidas, assim como é divertido amar e ser amado, e dançar e deixarmo-nos levar neste baile de máscaras que nos tira do berço para nos ir deixar no cemitério. A vida é breve, as tristezas estão asseguradas e a morte é certa. Mas pelo caminho, no nosso

trabalho, porque não trazer connosco esses dois estarolas, o Entusiasmo e o Prazer? Eu, cá por mim, resolvi fazer-me acompanhar por ambos enquanto vou a caminho da cova, e havemos de dar um chuto no traseiro de um pacóvio e afagar os cabelos de uma jovem beldade e fazer adeus a um miúdo que rouba fruta num pomar.

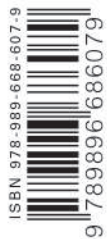
A quem quiser juntar-se a mim, há lugar de sobra nesta marcha dos que não se deixarão abater.

1973

Neste livro único, Ray Bradbury reúne textos escritos ao longo de trinta anos, nos quais partilha com o leitor a sua experiência e entusiasmo pela própria arte da escrita. Com uma capacidade comunicativa ímpar, Bradbury escreve como quem conversa, incentiva e ensina com conselhos práticos a como percorrer pelos nossos próprios pés o trabalhoso caminho da arte da escrita – desde o cultivar de uma ideia original ao desenvolver de uma voz e de um estilo. Pelo meio, o famoso autor de *Fahrenheit 451*, de *Crónicas Marcianas* e de outros 25 romances e mais de 600 contos, oferece-nos uma visão pessoal da sua própria carreira. Uma porta de entrada privilegiada, feita de muitas curiosidades e acidentes biográficos, que nos revela os bastidores de um dos mais singulares universos da literatura.

«Um gigante da escrita. Um dos autores mais populares e prolíficos da América.»

Los Angeles Times



cavalo de ferro